

QUINTA-FEIRA
Lisboa--10 de Novembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

77



sempre
five semanário humorístico

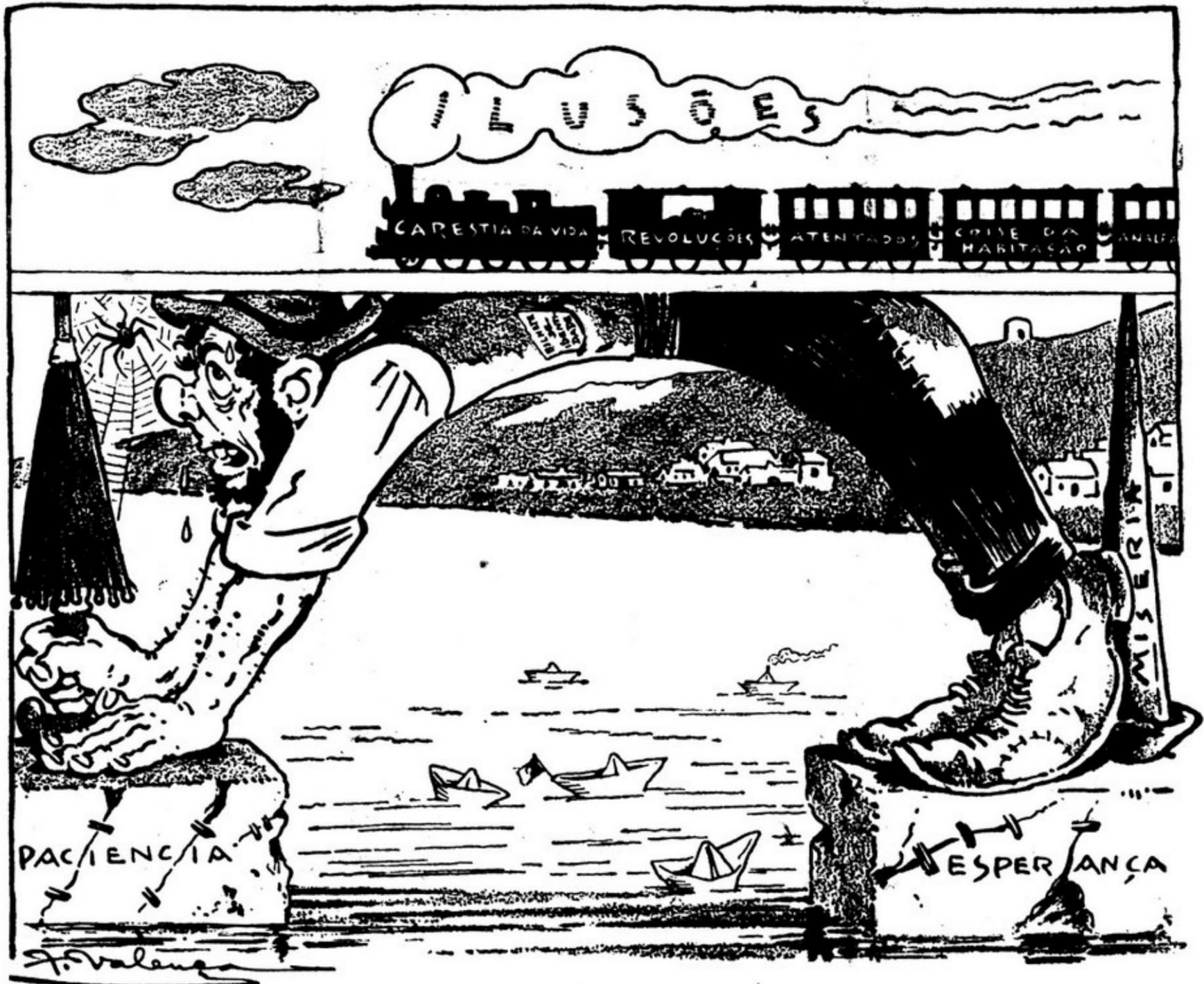
Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administr
REDACÇÃO E
TEL. T. 152, 153
RUA DA ROSA, 57

Ex.º Sr.
Kol de Alvaro
Ruf

Engenharia de Eiffel... e vinagr



O Porto comemorou a inauguração da ponte de D. Maria Pia. Lisboa tem de comemorar a da ponte do Zé que não «pia» e aguenta a constante passagem de tão pesado comboio. Não admira que aquela, sendo de ferro, continue solida; o que surpreende é que esta mantenha uma resistencia verdadeiramente metalica, apesar de ser simplesmente de carne e osso!



Os ditos da semana



Lá para lóra, numa região montanhosa, onde não ha uma cidade a morrer de sede, nem uma Companhia das Aguas dirigida pelo sr. Carlos Pereira, está-se dando um fenomeno extraordinario: o nascimento dum lago.

Sem canalisação, sem contadores, sem depositos laboriosamente construidos, e sem maquinas elevadoras, a agua esguicha por todos os lados, e vai formando um lago, que amanhã será porventura um mar agitado e bravo.

As aldeias visinhas sobressaltam-se e começam a receiar pelo aumento das aguas -- não vá o lago encher, transbordar e inundar-as. A engenharia hidraulica, na impossibilidade de tomar as aguas, para as digerir, toma providencias, mas o panico assalta as povoações.

Fazem-se preces, rezam-se orações constrictamente, mas as aguas avolumam sempre, e mal sabem aquelas populações aflitas onde está o remedio para o cataclismo que as ameaça.

O *Sempre Fixe*, que além de ser órgão do riso nacional, é tambem órgão da bondade e da filantropia universal, daqui lhes envia um precioso alvitre: é chamar a toda a pressa o sr. Carlos Pereira, com aquela chave de rabo na boca, a chave pescadinha marmota que costuma exhibir perante os jornalistas, e entregar-lhe as aguas, e o illustre director da Companhia das Aguas, as fará desaparecer como por encanto.

Quando o sr. Carlos Pereira aparece, acabam-se os esguichos d'agua para dar lugar aos esguichos de eloquencia. Os contadores entristecem e a canalisação solta os lancinantes apitos, de quem sente a guela seca.

Luiz Derouet

Luiz Derouet faleceu, victima de um atentado brutal e incomprehensivel, justamente no dia em que o *Sempre Fixe* da semana passada entrava na maquina. Por essa razão, e só por essa, não suspendeu o seu riso para depôr uma saudade sobre o seu ataúde. O *Sempre Fixe*, exactamente porque sabe rir, sabe tambem avaliar as dôres humanas que fazem chorar e pode, em dados momentos, tomar a vida a sério, para prantear a morte dum camaraca illustre e dum amigo querido, que foi um nobre exemplo de virtudes civicas. um denodado e intemerato combatente da Republica nas inolvidaveis horas de sonho e de incerteza, que foram vividas de ha vinte anos para cá.

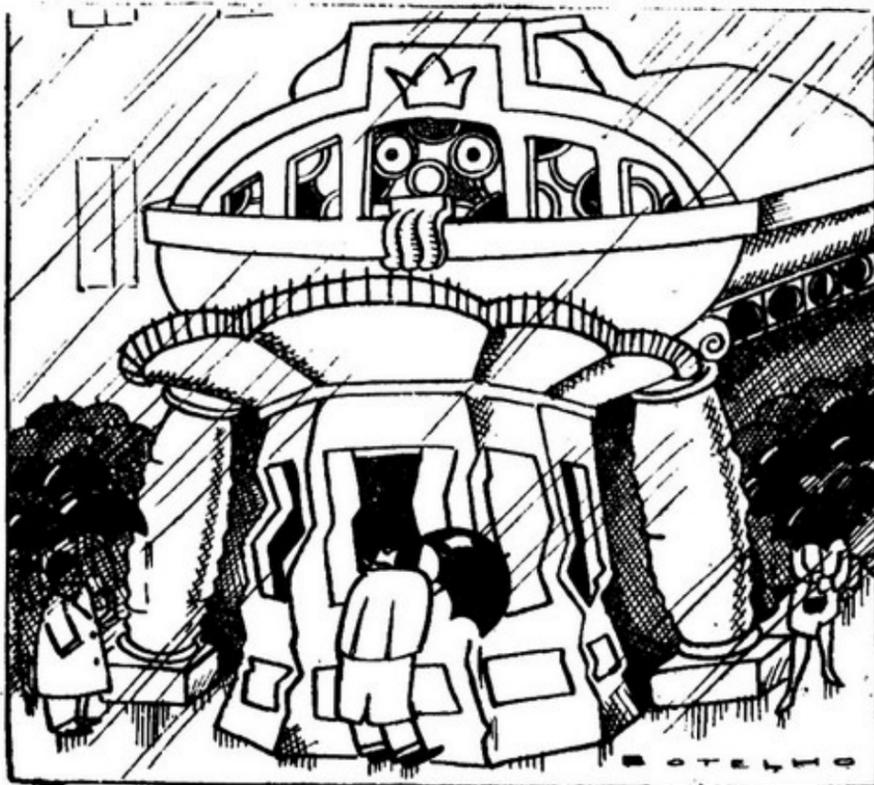
Hoje não se ri nesta coluna do *Sempre Fixe* porque está de luto a imprensa portugueza pela perda dum dos seus melhores e mais devotados ornamentos--um homem que, tendo o culto talvez exagerado da bondade, não foi compreendido, e caiu varado por uma bala assassina, precisamente quando o seu nome conquistou uma aureola que bem podia ser invejada por todos os portuguezes amantes do bom nome e do engrandecimento da sua patria. Na hora propria em que ia encerrar-se a notabilissima exposição de Ex-libris que a sua dedicação, a sua boa vontade e a sua intelligencia conseguiram tornar um motivo de orgulho para todos nós, encerra-se com ela, a urna funeraria que guardará para sempre os restos mortais do seu organisador.

O *Sempre Fixe* que ainda ha dias o coroara com as rosas vermelhas de um *portrait-charge* de mestre Valença, corça-o hoje das rosas brancas de uma saudade eterna. Que descançe em paz!

Moisés batia com uma varinha na rocha e dela brotava agua abundante e cristalina. O sr. Carlos Pereira bate com a chave numa torneira, e a agua seca-se para dar passagem a uma cohorte de bacilos tíficos.

É assim todos lucram. Lu-

cram os que se veem ameaçados de uma inundação, porque quem bebe um Alviela tambem pôde beber nem que seja o Amazonas, e lucrámos nós todos, porque enquanto o sr. Carlos Pereira beber o lago, deixa correr as aguas livres. Que guelas de homem!...



Abrigo em estilo «Mandapeso II» para o ascensor da Gloria

Está quasi concluida a gaiola do elevador da Gloria. E' o que se chama obra asseada. Vidros de côres, colunas de marmore fingido e bronze fingido nos capiteis. Aquilo é tudo a fingir, menos o estuque que é verdadeiro e serve para fingir que abriga os passageiros da chuva, quando na verdade só abriga o ascensor.

O telheiro que devia fazer-se dos lados, fez-se ao meio da rua para o *maxibombo*.

O *quichet* para venda de bilhetes fica na rua, e a *passerelle* que finge muito bem de sala de espera, entre duas correntes, fica tambem na rua. A gente compra um bilhete à chuva, mete-se na bicha à chuva, espera à chuva que chegue o elevador, e tem a consolação de vêr que, desde que o carro entra no *hangar*, nunca mais lhe cai uma pinga de chuva em cima.

Pelos modos, a Companhia tem reccio que o ascensor se constipe, mas foi pouco providente. Deveria ter construido um canudo daqueles a todo o comprimento da Calçada da Gloria, uma especie de canhão, que disparasse um elevador cá de baixo e atirasse com ele lá para cima. Assim, como está, o pobre ascensor nem tempo tem de secar durante os rapidos minutos de paragem, e tem de sujeitar-se às intempéries durante todo o trajecto, como se não fosse filho de gente de meios, como é a Carris.

Com o publico bem se importa a Companhia. Basta que pague o bilhete. E agora que já anda em circulação muito dinheiro de cobre, alpaca, cupro-nikel e cupro-ar, nem ha sequer o perigo de receber cedulas transformadas em sopas de papel. E cada um que vá pôr-se em casa ao fumeiro a enxugar.

CANÇÃO NACIONAL

Fado do Algarve

Mote

*O Algarve, meu amigo,
terra linda de calor,
tem os saborosos figos
e as amendoieiras em flor.*

Glosas

Tem Faro, a historia o dia,
uma antiga medicina,
que perdura inda a moína
sem sor do doutor Assis...
Quem lá fór hoje é feliz,
mais que nesse tempo antigo.
Vai-se depressa e sem p'riço
de viajar um ano inteiro...
E p'r'o licór bagaceiro
tem o saboroso figo...

Na ponta de Portugal,
se quer a Africa anexar,
basta que saias p'r'o mar
num barquinho que te embal'
O Algarve, onde, afinal,
(Escutem bem o que digo)
se lhe semeassem trigo,
si lhe faltava a banana
p'ra ter a flora africana
o Algarve, meu amigo.

Dizem que o povo algarvio
fala pelos cotovelos,
mas basta, p'ra conhecê-los
que alguns nem sequer dão pio.
Tem do mar o orgulho e o brio
de ser um bom pescador,
povo colonizador,
d'America o galardão,
mas não esquece o seu torrão,
Terra linda e de calor.

Tem Ollão a raridade,
com sons lindos e agudos,
um órgão com mil caudós,
dos tempos da antiguidade.
Mas o que tem na verdade
e, por tal, pede-se impôr,
são de um precioso sabor,
os filetes do cavala.
Tem um sol que não se iguala
e as amendoieiras em flor!

Reporter B.

Sorles grandes?
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

**Memorias
duma palmeira
da Avenida**

*Quando eu era pequenina
já minha mãe, minha amada,
Me dizia: O' palmeirinha,
Tu has de ser perfurada!...*

Isto referia uma das velhas palmeiras da nossa Avenida a uma sua companheira plantada recentemente, como prevenção de futuros factos.

Contava ela:—«Eu vim para aqui aos seis meses, já minha mãe tinha vinte anos de existencia. A vida foi decorrendo serena e placida, sem o menor contra-tempo, a não ser de vez em quando a visita de qualquer cão, que me molhava a fralda e as canelas. Logo de manhã cedo, o jardineiro estendia a formidável mangueira e applicava-me, bem como ás minhas irmãs, uma prolongada rega, desde os pés á cabeça.

«Nem sei como ele podia aculir a tantas ao mesmo tempo e ficar, no trabalho, fresco como um pêro! Minha mãe, que, parece, era da simpatia do jardineiro, embora ele gostasse de todas nós, quando levava a rega, toda se consolava, sacudindo a farta cabeleira, solta ao vento, baloçando o corpo elegante, arropiando-se toda, como se o contacto do liquido que o sr. Carlos Pereira lhe mandava de botla lhe fize-se estremeções de prazer. A tarde repetia-se a mesma operação, com grande gaudio de nós todas.

Como as nossas idades variassem, a mais velha, que já ali se encontrava ha 30 anos, para nos distinguir, classificou-nos assim: as mais novas, *palmeirinhas*; as immediatamente a seguir, *palmeiricas*; a seguir, *palmeiricas*, e as de mais de quinze anos, *palmeiranas*. De quando em quando, um gato, perseguido por qualquer cão, trepava-nos pelo corpo acima, metendo as unhas aguçadas. Era muito desagradavel, mas sempre era melhor do que succede ás nossas irmãs em Africa, que muitas vezes apanham com as unhas das panteras o dos tigres. Isto devia ser proibido! Porque é que o Governo não manda cortar as unhas aos gatos?

«Deviam cuidar mais de nós. Olha que prestamos optimos serviços á população da cidade. Os nossos corpos gont's e as nossas cabeleiras dão a nota da gracilidade, da elegancia, da gentileza, da estética!

Vê lá se os pardais veem para cima de nós fazer ninho ou aliviar-se. E a sombra da noite, especialmente! Quando o sr. Antonio Centeno manda acender todas as luas da Avenida, tu não vês os casais que aproveitam a nossa sombra? Isso é que é ouvi-los.

«O' Manel, tira p'ra já a péra, que me arranhas!—diz-lhe' ela.

«E ele responde:
«Quando accitaste o namoro, já sabias que eu era cabo da guarda-fiscal.

«E ela retroque:
«—Tambem o sr. Afonso Costa tem péra e não é do fisco.

«—Não é do fisco mas é democrático e ainda tem p'ra péras!

«E como este, dezenas de diálogos ouviamos todas as noites.

Uma vez, veio para a minha sombra um grupo de homens. Falavam em voz baixa. Dizia um:

«—A coisa é para esta noite. Toma lá seis, tu toma quatro, outras quatro para ti. Quando se acabarem, ha mais na...

«O grupo desfez-se e eu fiquei sem perceber nada. Ai filha! Depois é que eu percebi que eram bombas. E aquilo foi toda a noite tiros e mais tiros e no outro dia e na outra noite. Mas, a certa altura, uma granada de seto e meio (quasi oito tostões) atravessou o umbigo. Que dóres! Que dóres que eu tive! Então é que eu me lembrei da minha mãe que, quando me embalava, dizia:

Tu has de ser perfurada!...

E aqui estou com um O na barriga até que o sr. Vicente de Freitas queira mandar-me para o Museu da Revolução, o que é justo.»

M. A. Caco Velho.

!! Não queira ficar assim !!
USE A VITELINA-VITERI
TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO \$300
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa

SECÇÃO DE ANUNCIOS

COSTUREIRA

PRECISA-SE para confecção de meninos. Carta a este jornal ao n.º 35.

CRIADA

PRECISA-SE para todo o serviço de homem só, de meia idade afiançada. Resposta ás iniciais XXX.

MULHER A DIAS

PRECISA-SE. Que se não importe de morar com os patrões e em cave. Carta ao n.º 3606.

SENHORA

ATE 35 anos. Duas a três horas de passeio a criança de 24 anos. Precisa-se. Carta a F. D., 13-A.

PERDEU-SE

UM casal de burros—macho e femoa. Pede-se a fineza de os entregar em virtude do estado de consternação em que se encontra a familia. Rua Augusta, 720.

CABRA

COMPRA-SE para amamentar criança aluno duma Faculdade. Pede-se o maximo cuidado em ser cabra, porque a criança foi, durante três horas, alimentada por uma que depois se verificou ser bode. R. da Escola Politecnica.

CRIADA

OFERECE-SE. Todo o serviço. Prefere pessoas estrangeiras. R. Luciano Cordeiro.

ARMAÇÃO

VENDE-SE barata e apenas com três anos de uso. Resposta ao n.º 11.

VENDE-SE

PAPEL inutilizado. Chalet das Aflições da Avenida da Liberdade.

PARTEIRA

QUE saiba da arte, precisa-se. Largo do Carmo.

VENDE-SE

CASACO de pelo de bi-lontra. Preço convidativo. Carta ao n.º 202.

QUARTOS

DÁ o relógio do Matadouro a quem os queira ouvir.

GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da
A unica que possui melhores acomodações a preços reduzidos
Venda de oleos, gazolina e accessorios
Oficinas para todas as reparações
Rua Visconde de Santarem, G. G. E.
ao Auco do Cego; Tel. 994 N.



—Se me não engano, aquele que ali vai é o meu amigo Rodrigo...

—Oh! meu caro Rodrigo, ha quanto tempo não te vejo!...

—Está enganado, mas pareço-me muito com ele, sou o Rodrigues.



Cães conhecidos

O barão de Parreira, cuja carteira tem muita parra e pouca uva, é um *bon vivant*, que tem o unico defeito de não receber o dôbro do ordenado, porque todo o santo dia lhe levam a bater a porta para receber as contas em atraso. Vive na companhia da baronesa, sua azeda esposa, que é extremamente nédia e baixa, o que nos leva a parcer que anda de côcoras e que passa todo o tempo a ralhar, devido á falta de dinheiro.

Como ele não paga, dá em resultado que lhe levam o coiro, e o cabelo lhe levantam... se ele ainda o tivesse.

A cerca das suas dividas, conta-se muita coisa—quem tem culpa de ser funcionario publico — porque desgraçadamente o seu unico defeito é o de mandar dizer aos crêdores, quando lhe batem a porta, o que diariamente sucede:

—Venha amanhã receber, que hoje o senhor não está!...

Ha dias, o barão tinha sido convidado para ir ao casamento dum marquês, seu primo, mas, como não tinha sapatos de polimento, foi ter com o seu sapateiro, para que só mais uma vez lhe fiasse.

O sapateiro recusou-se a principio, pretextando que estava por pagar o setimo par que lhe tinha vendido, mas, afinal, cedeu ás instancias do barão.

Calçou-lhe uns sapatos e, ainda o barão se não tinha levantado da cadeira, para vêr se eles o maguavam, começa o cão do sapateiro a ladrar em redor dele, furiosamente.

Diz o barão para o sapateiro:

—O seu cão parece que não me conhece?!

—Conhece, conhece!...

—Então porque está ele a ladrar tanto?

—E' porque está vendo outro cão nos sapatos...

Lisboa em pijama

O sr. Melchior Barata tinha na vida uma grande desgosto: a natureza parecia não o ter tadoado para pai. Conhecia muitos exemplos de amigos conhecidos, todos rodopiavam á volta dos cincoenta anos, e que nunca haviam tido filhos; mas isso não o compensava do grande desgosto que o minava. Fer um filho, eis a questão: *to be or no to be* pai.

Foi precisamente essa grande vontade de ter um pequerrucho que fôsse o seu herdeiro legítimo e direito, que o levou a contrair matrimonio. Amanuense da Camara Municipal, substituindo por vezes o proprio secretario, desfrutava uma posição social que o tornava respeitado e considerado em Lisboa de Olhão e arredores. A filha do administrador do concelho, que era ao mesmo tempo filiado no partido evolucionista e grande cacique eleitoral da região, era uma menina que, no entender dele, Melchior Barata, o poderia fazer feliz em todos os sentidos: era rica, prendada e bonita...

A diferença de idades entre os dois não foi obstaculo que os demovesse do seu proposito. O pai dela achou o futuro genro uma pessoa de boa posição e assás ponderada para reinar os impetos da pouena, algarvia a va-

EGUALDADE



—Calcula tu que eu disse hontem a uma fregueza que ainda me não tinha estreado, e sabes o que ela me respondeu?

—?...

—Que nem ela...

ler, com o sangue a escalear-lhe as veias, e o casamento fez-se, com toda a pompa de que os dignos nubentes oram crêdores.

Casados, viviam muito felizes. A tocava duas ou três valsas ao piano; pintava sobre vidro e fazia versos. Num jornaleco da terra, chamado *A Mocidade do Sul*, era elle quem fazia sempre os perfis masculinos. Por intermedio do sogro, que lhe admirava muito a inteligencia e as faculdades de trabalho, fôra eleito socio honorario da Sociedade Protectora dos Animas, socio correspondente da Sociedade de Geografia, e estava prestes a ser promovido a igual posto numa Academia de Sciencias Portuguesa, fundada pelo seu amigo de infancia e patricio Antonio Cabreira. Foi nesta altura da vida que ele veio

O sogro de Melchior Barata fôra sempre, em familia, monarchico ferrenho. Adorava a Carta Constitucional todos os Actos Adicionais, tinha uma profunda veneração pela memoria do *Dador* e nunca fizera segredo das suas convicções antes do 5 de Outubro. Mas, quando viu que o herdeiro e neto d'el-rei D. Pedro IV embarcava na Ericieira com destino ao estrangeiro, o fiel monarchico entendeu por bem que a monarchia dera tudo quanto tinha a dar, que já nem reis havia, além dos de copas,—e aderiu á Republica, por intermedio do partido evolucionista.

Gosando do prestigio social de que gozava, dispondo de algumas centé-

nas de votos em todo o circulo, depressa o sogro de Melchior Barata se viu pessoa considerada dentro do partido do regimen. Pensou então em vir para Lisboa, onde depressa subiria a ministro, satisfazendo assim, ao mesmo tempo que a sua ambição pessoal, os desejos da filha, que nunca se sentira bem na *parvalheira*. E um dia, sem mais terte nem garte, disse ao genro:

—Vamos para Lisboa. Arranjei-lhe lá um lugar de chefe da repartição no ministerio do Trabalho, onde você escusa de ir mais do que uma vez por semana assinar o expediente, ficando com o tempo livre para divertir a pequena, coitada...

Melchior Barata ficou radiante com a boa nova e transmitiu-a logo ao farmacutico visinho, onde passava horas por dia no covo ameno da politica e da má-língua.

—Vai para Lisboa? perguntou-lhe o farmacutico com um risinho maroto.

—Ole. E não tarda muito...

—Pois então, retorquiu o outro, sempre o felicito: agora é que o amigo vai ser pai.

—Hom'essa. Que tem que ver uma coisa com a outra?

E o farmacutico, batendo-lhe familiarmente no ombro:

—Fique-se com o que lhe digo e deixe o resto por conta do futuro...

* * *

Uma coisa que ficou logo estabelecida, ainda no Algarve, é que não vi-

Elevador da Gloria

Clementina tem apenas 18 anos. Em amor, é decisiva. Salta todos os obstaculos. Nenhuma rapas lhe resiste. Aprendeu a amar no animatografo, e que é deveras suggestivo.

Ele, ao contrario, é um timido. Chama-se Placido e ninguem o é mais do que ele. Tem uma tia que o obriga a recolher a casa ás 9 horas—ás 8 horas, menos vinte, porque o relógio da tia anda sempre adiantado.

Placido enamorou-se de Clementina pelo sistema Morse. Sinais, olhadelas a furto, dois bancos atrás, no electrico onde ella vai. Durante um mês, o coração de Placido foi solido, liquido e gazoso. De noite, no silencio do seu quarto, vagueava até altas horas, construindo frases de amor, protestos, supplicas que não tinha coragem de dizer, quando se encontrava junto de Clementina. Ella, porém, decidida como sempre, deu-lhe uma vez as boas-noites, ao entrar em casa. Placido, infringindo os preceitos da tia, ficou doido. Tão doido que escreveu uma carta a Clementina, declarando-se, com sêlo e tudo. Dois meses depois—Placido estava noivo. No registo civil corriam os papeis; no Grandela tratava-se da roupa branca dos nubentes.

Quando faltavam oito dias para o enlace, Clementina atacou o noivo. Queria conhecer-lhe o caracter. Placido, porém, confirmando o nome, mostrou-se frio, reservado, singularmente discreto. As belezas do animatografo, onde a futura consorte o levava, não o enterneciam, nem o suggestionavam. Placido estava triste, algado. Clementina, confiada nas suas graças, foi mais viva. Sorriu-se como só os anjos e as mulheres apaixonadas o sabem fazer. Num murmúrio doce, perguntou-lhe:

—Placido!... Tu amas-me?

—Já sabes que tenho o consentimento da tia!

—Como vamos ser felizes...

—Claro, felizes...

—Havemos de estar sempre juntos. De dia e de noite.

—Ah! isso não!—rouquejou Placido alucinadamente.

—Porquê?

—Não... não...—repetia elle, confuso, corado, envergonhado.

—Mas então porquê?—intimou Clementina, alarmada com a natureza do noivo.

Ele, num inenarravel suspiro:

—Tenho medo do seu papá...

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 -- Rua de S. Paulo -- 77

veriam juntos em Lisboa: casamento, apartamento, porque isto de sogras e coisa em que ninguem acredita. Veriam paredes meias, se pudesse ser; mas lá juntos é que não.

Melchior Barata encontrou casa na Avenida da Republica, proximo ao Campo Pequeno, um terceiro andar com muitas janelas num predio em estilo rococó. No mesmo piso, do outro lado, era a habitação do sr. conde de Vale-Sêco, deputado monarchico no tempo de Sidonio e candidato perpetuo em todas as eleições. Irascivel em politica, mas bom homem. A seu lado a condessa, viviam três filhas que eram outros tantos amôres, todas ellas solteiras, mas todas ellas com namoro.

Quando soube quem tinha por visinho, D. Carolina Barata ficou toda contente, esperando manter as melhores relações de amizade e até de sociedade com as filhas do sr. conde. Quanto ao seu consorte, não sentiu menor satisfação ao antevêr a possibilidade de conhecer de perto um conde e até, quem sabe, de sair com elle a escada, umas vezes por outras, de braço dado:

—«Pois é verdade, sr. conde, o dia hoje está muito natural...»

—«Diz bem, meu querido amigo. Mas, antes deste regimen, até o tempo era outro.»

Quando ao sogro, foi morar para os Anjos, num rez-do-chão de azulejos verdes, mesmo ao pé da igreja, e dois passos das devoções da sua digna esposa.

Carlos d'Agulva.

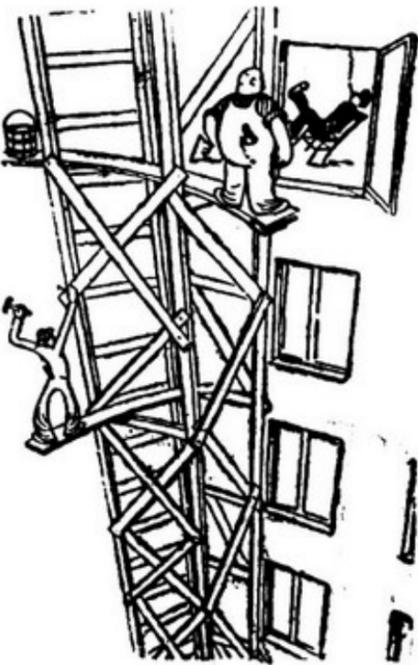
Bric-á-Brac

O Alpendre da Gloria

Se é que vos não aborreço,
Lhes vou relatar a historia
Daquelle alpendre da Gloria
Que, por acaso, conheço:
Ha uns meses que os édis,
Num brado sempre crescente,
Exigiam da Carris
Um lindo alpendre imponente;
E, como a pressa era tanta
E essa falta era notoria,
Fes a Carris uma planta
Para o alpendre da Gloria:
Manda a vereação actual
A planta da Companhia
P'r'a Comissão de Esthesia
Da Cam'ra Municipal;
Como a dita comissão
A não achasse perfeita,
Não lhe deu aprovação
E sem apelo a rejeita;
A Carris não se ataranta
E, co'o seu ar mais correcto,
Vai ter co'o Lino architecto
P'ra lhe fazer outra planta;
E então a Direcção
Da Companhia Carris
Envia a planta aos édis,
Que a mandam p'r'a Comissão;
Mas a dita Comissão,
Que se achava mal disposta,
Inda daquela não gosta
E nega-lhe aprovação;
E, como a todos suplanta
Na noção do que é bonito,
Decide fazer a planta
P'r'o alpendre sobredito;
Como em seu peito se aconcre
o desejo da vitoria,
Quer ter a gloria do alpendre
Tendo a alpendre da Gloria;
Depois de muito a estudar,
Dou a sua aprovação
A' planta da Comissão,
Comc era de calcular...
Faz realmente tristezas
Que havendo plantas tão belas,
Só vinguem plantas daquelas
S'obre a terra portuguesa!...
E engoitando as lindas plantas,
Constroes, p'ra que nos enerve,
Um alpendre que só serve
P'r'a gloria do Julio Dantas!..

João Fernandes.

Frei Tomás



O caiador—Que maneira de sentar-se. O senhor não tem medo de cair e partir a cabeça?

A NOVELA DO "FIXE" O TELEFONE no Dahomé

Em tempos, eu fui um agente de civilização no Dahomey. E foi ha tantos anos! Admiram-se?...

Foi em Africa, junto a uma possessão portuguesa, aonde vão e teem ido muito poucos subditos. Era eu ajudante de naturalista e andava a bordo



do da antiga canhozeira Douro, em companhia de Francisco Newton, o distinto mestre naturalista, a caçar e embalsamar passarinhos para o muséu da Escola Politecnica de Lisboa.

Pois, como disse, uma bela tarde, dirigime de S. Tomé a S. João Baptista de Ajudá, na Serra Leão, tendo por camaradas, entre muitos, além do comandante da antiga Douro, os estimados amigos e hoje officiaes superiores da marinha de guerra Pereira Caçador e João Manoel de Carvalho.

Conseguir desembarcar e chegar a S. João Baptista era tarefa mais difficil e perigosa do que hoje fazer a travessia do Atlantico em avião.

Eu ia juntamente com o destacamento militar que partira de S. Tomé, a render o forte de S. João, compondo-se aquelle destacamento de oito soldados indigenas, um cabo e um sargento brancos.

Cheguei ao forte no dia primeiro do ano e fiquei logo admirado por não faltarem as salvas de artilharia do ano novo, e muito mais admirado fi-



quei de ouvir as salvas e de não vêr vestígios de elas serem disparadas do forte.

E' que as peças estavam colocadas no chão porque o forte, em parte, era de barro e, com os disparos, podia ir para o maneta aquelle padrão de gloria...

Passados dias, estava familiarizado com a colonia: três brancos portugueses e dois holandeses!

Apesar de português, o nosso dinheiro não corre e é com moeda inglesa que se compra o dinheiro da terra, que são nem ma's nem menos do que buxios (especie de abejinhos) das nossas praias, mas maiores), em sacos pequenos de milhares deles.

Já que vos dei uma impressão do ambiente local, vamos ao assunto:

Os franceses começavam as hostilidades com o rei do Dahomey.

O telefone humano, na praia, estava muito bem montado, tanto que chegou primeiro a noticia a Abomey, capital do Dahomey, do que tinha chegado a Douro a S. João Baptista d'Ajudá... que era ali perto!

Esse telefone humano a que me referi era composto por uma correnteza de homens, que passavam a palavra desde o litoral até ao interior do Dahomey.

Depois de alguns dias em S. João Baptista de Ajudá, o comandante do barco, que eu descu de nomear, já falecido e um dos maiores e mais ferrenhos navegadores á vela da nossa marinha, homem tão culto como espirituoso, resolveu mostrar a Dehansin uma nova forma de transmitir a palavra sem ser pelo Alerta está!... E, assim, uma bela manhã, encaminhou-se uma caravana, depois de pedir audiencia ao rei do Dahomey, levando, além de varios e insignificantes presentes, um telefone.

Fui eu o portador do aparelho. Eram duas latas de petroleo sem o fundo, tendo, á laia de tambór, uma pele, ao centro da qual estava presa uma corda de linho que ligava da mesma fórma á outra lata. Era uma especie de telefone dos namorados que se compra, ainda hoje, nos bazares do brinquedos.

O rei ficou entusiasmado com o resultado e ele mesmo falou, ouviu, certificou-se da sua utilidade e guardou-o religiosamente. A' noite retirámo-nos, devidamente escoltados.

Não sei o que se passou com as ex-



perencias do tal telefone. O certo é que, uma das vezes em que eu andava a coar bichinhos para o muséu, entre o capim, ouvi um tiro, cuja bala sibilou dois dedos acima da minha cabeça!

No dia seguinte, vim a saber que tinha sido um preto assalariado em uma casa holandesa, a quem um representante do rei tinha dado dinheiro para dar cabo de mim.

Conseguiu-se um inquerito e soube-se que o rei tinha aumentado a corda e o telefone já não dava o resultado devido.

Apavorado, tentei fugir para bordo, o que só consegui vestindo umas calças do fardamento de Isaías Newton, um dolman de Pereira Caçador e o boné de João Manoel de Carvalho.

Quando cheguei a bordo da Douro, redigi o seguinte telegrama, que não seguiu por não haver estações telegraficas naquelas paragens:

«Edison—New-York—Tentei preliminares vosso invento Dahomey. Rei mandou matar-me. Inutil civilização»



«ciencia. Franceses só civilização forpa.»

E assim foi. Os franceses vingaram o homicidio frustrado na minha pessoa e, hoje, no fim de trinta e oito anos, a telegrafia sem fios trabalha nesse reino sem que eu tenha, como peregrino e martir, a mais pequena lapide.

(Do livro «A Minha Memória»).

José Barbosa.



No Tivoli desponta O Sol da Meia Noite. E' frequente verem-se as estrelas ao meio-dia, mas o novo fenomeno astronomico só se observa na produção do Bouchowetsky, que é todo puzadinho para a metáfora.

A Russia está na moda, incontestavelmente; e chega a parecer impossivel que, com tanto grão, nunca se tenha resolvido a crise das subsistencias. De facto, nunca faltaram os grão-duques, os grão-marchais, os grão-etc. Só na fita aparecem uma data déles:

Era uma vez um grão-duque—Sergio, para uns, Patt...eta O' Malley, para outros—que se embeicou por uma bailarina com cara de grão-de-bico, magrinha como um espinafre. Foi por isso que alguém chamou á fita O Grão com Espinafre. E tamanha er... a querença que, so para apanhar a Olga, não hesitou em apanhar uma osga. Mas a Olga jogava com um grão de dois bicos, pois alimentava... a grão a grãssisa pairão que por ela tinha o tenonte Aloxis, y, z, deixando o grão enruado. Mas o ciumento, Audaz, importado pela Melo da Silva, Lt., não se importou com a gorararquia; já com o grão na aza, vai procurar o grão, cosido... com a parede, e faz-lhe uma desfeita... com grão. Condenado a recobor no canastro uma saravada de grãos de chumbo, salva-se por um milagrão. Tem um alegrão, já se vê, e abotó-a-se com a Laura La Plante. Para alguma coisa o Raymond Kean se havia de parecer com o Ivor Novello e com o Ramon Navarro.

A proposito, no Odéon, o seu simpatico sosias vira o miolo ás virgens alfacinhas, bem aprumado na justa fardeta de O Guarda-Marinha. Mas o que conquistou de todo a Harriet Hammerson foi tó-lo visto em pijama. De resto, é O Pão Nosso de Cada Dia, como afirmam Maé Busch, Robert Frazer, Wanda Hawley e Patt O'Malley, pela legendaria pena do sr. Chagas Roquete.

Atormentado pelos censores, que sempre conseguiram impór uns suspensórios ao William Boyd, suspendendo O Barqueiro do Volga, o Politeama interpôs uma Barreira... das Raças, entre a sua tela e os cinéfolos conservadores... da crise teatral. Mas a intelligencia, a justiça e o bom-senso ainda são grandes coisas; e lá temos de novo a obra-prima de Cecil B. de Mille, só para arrelhar o sr. Mario Duarte. Mas sempre passou pela tesouraria...

O Rod La Bocque, que não é tam pelo-vermelha como parece, aproveitou a occasião para ir demonstrar ás sogras irredutíveis que ainda ha genros que são pérolas, exibindo-se no Tivoli, esta semana.

No Olimpia continua O Capitão A-Rasca, enquanto um titulo feliz mas irreconhecível—O Ex-Marido Dela—continua mascarando o celeberrimo Muche, uma das mais engraçadas comédias de Nicolau Koline. Agora, mesmo que declarassem ao publico cinéfilo a verdadeira identidade da pellicula, seria uma Confissão Tardia.

No Salão Central, além de A Princesa de Nova York, com a Paulino Garon e o Johnie Walker e A Recordação da Mãe, com Fred Thomson e o seu mais do que cavallo Raio... que o parta, correram-se uma pelliculas demonstrativas do funcionamento do material de guerra Wicker...ista, a adquirir. Além de precisarmos muito mais de material de paz, achei engraçadissimo que, numa sessão official, embora particular, se faltasse á lei, exibindo-se legendas anglo-francesas. Mas que grande fita...

Retardador.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefones Norte 5532) á Estanzal

PROSA DE CHA VELHO

Era *El Cuco* irmão da *Sená Graciosa*, mãe dos toureiros Gallos, e, portanto, tio do genial Rafael, o sobrinho preferido pelas afinidades de temperamento do típico sevillano de quem me vou ocupar.

Era *El Cuco* o que os espanhóis chamam um *frésc* e nós um *descarado*, cifrando sua única ambição em não trabalhar. Assim vivia á custa do sobrinho Rafael, que lhe dava um duro diário, mascarando a esmola com esta frase delicada:

—«É para o barbeiro.»

Numa época de peitúria, frequentes na vida boémia do imprevidente calvo, teve o generoso sobrinho que reduzir a uma *peste* a dádiva para o barbeiro.

E foi com a mais perfeita naturalidade que *El Cuco* observou:

—«Querido sobrinho, creio que o barbeiro vai achar pouco.»

De outra vez, entrado o inverno, comprou dez pães, que pediu ao padeiro lhe guardasse, pois viria por eles mais tarde.

Observou-lhe o padeiro que, mais tarde, estariam os pães duros, mas *El Cuco* respondeu que era duros que os queria.

No dia seguinte, foi a um armazém da *calle Sierpes*, pedindo lhe mostrassem sobretudos. Escolheu um, de oito duros, e, pretextando ter esquecido a carteira, requisitou um caixeiro que o acompanhasse á loja de que era *socio*.

Realmente, chegado á porta da padaria onde tinha os pães duros, gritou impetivamente para o padeiro:

—«Dos duros que ahí tenho, dê oito a este rapaz.»

E, como o da padaria chamasse o caixeiro para a entrega, desapareceu *El Cuco* com o sobretudo, ao tempo em que o padeiro entregava oito pães duros á surpreendida e ludibriada vítima.

Era assim *El Cuco* que um dia, apertado por um crédor para fazer declaração escrita do dinheiro que lhe devia, escreveu importância superior á dívida e, á estranheza da vítima, respondeu:

—«É que, além do que lhe devo, necessito dever-lhe mais o que agora me vai dar.»

Perez la chaise.

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magníficos almoços á Francaza
JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic

(especialidade)

Explendido café

Escolhida frequencia



—Deixaste do podir esmola?
—Não; eles é que deixaram de dar.

O que o Aniceto me contou da sua ida para fóra

Ir para fóra!

Tu, le' tor amigo, que, como eu, passas cá dentro o rigor da canícula, nunca passeaste a tua fantasia pelas praias e termas, com os seus casinos, a sua vida alegre, as suas mulheres elegantes...? Decerto que sim, e assim sonhava o meu amigo Aniceto ainda ha 15 dias. Encontrei-o ontem, de regresso da Figueira... Perdão, mas eu ia cometendo a indelicadeza do não apresentar a v. ex.^{ta} o meu amigo Aniceto Esteves, casado, possuidor duma sogra como as que são, empregado num dos mais acreditados estabelecimentos de sêcos e molhados da rua dos Bacalhoeiros, socio da



Academia Dramatica Recreativa Esperança Musical e Concordia Campo Colobense e morador no beco do Quabra-Costas.

Ora o Aniceto, desde que passou do moço de armazem a aviador de frengueses, começou a andar no ar com uma ideia que o fazia voar a regiões para ele desconhecidas:—Ir para fóra!

Á custa de enormes sacrificios, conseguiu juntar uma meia duzia de notas e alguns apontamentos que julgou suficientes para a sua vilegiatura, e, depois de previamente consultar a sua querida sogra, resolveu ir passar 15 dias á Figueira.

Logo que me topou, investiu comigo com aquela alegria que o caracteriza.

—Olha o Aniceto! Nem te reconhecia, como estás mudado!

—Achas-me melhor, mais gordo, corado?!

—Qual historia, homem: pelo contrario, parece que saíste do hospital!

—Estivo na Figueira com a familia...

—...a gosar a estação?!

—A estação? A estação não tem nada que vêr. Fui para banhos.

—Então divertiste-te á farta?

—Alguma coisa. Quem vem farta é a minha sogra... Tu bem sabes que isto do ir para fóra tem sempre os seus incomodos... A gente vai á procura do repouso e esquecimento para estas coisas de todos os dias e é muitas vezes o esquecimento que nos arraza.

—Mas explica-te! Tu estás arrazado? Desabou a gaiola na tua ausencia? Desembucha, homem!

—Desabou a gaiola, desabou.. mas foi a do canario.

Comecoi a duvidar da porfoita razão do meu amigo, quando ele elucidou:

—Não vêes que a minha sogra tinha um canario, a quem dedicava todo o mimo que lhe sobrava do azar que votava a um gato preto a quem eu muito queria. Ora, na barafunda que causa uma ida para fóra, esqueceu-lhe o canario, e a mim o gato? desgraçado bichano, que era um animal de sentimentos, suportou negra fome enquanto o canario não succumbiu de dita. (Com lagrimas na voz) Depois... papou-o e... suicidou-se com romorsos... da acção que havia praticado. (Mais sereno) Fomos encontrar aquele quadro triste: o gato, ainda com algumas penas do canario na boca e em posição ovidento de que so havia precipitado da guarda-pratas ao chão...

—E agora?

—...e agora, como não se pode vin-

gar no gato, sou eu quem pago. Palavra que não sei o que fazer.

—Que azar!—fiz eu, comovido.

—...casar? Tu disseste casar? Apre, que aturar sogra fica-me de lembrança!

—Oh filho, mas que lembrança, eu não disse nada. Procura o esquecimento...

—Como? se a tenho que aturar todos os dias?!

—Não é da sogra, é do gato!

—E na praia? Imagina tu que, só por eu dizer duma interessante banhista que era uma perfeita estampa, estampou-me uma estampilha nas ventas que fiquei mais azul que o céu...

—E viste as estrelas...

—Estrela era ela duma companhia de revistas que lá deu uns espectaculos...

—...e te fez dar esse triste espectaculo!

—De resto, isto de estar num hotel é uma tremenda massada. Imagina que todas as manhãs me chamava o criado para o banho! Tomar banho todos os dias!... Onde se viu isto em Lisboa? O resultado calculas tu: andamos todos engripados...

—Então tu não foste para banhos? E bem vêes que a higiene é condição essencial para a conservação da saúde...

—...dessa me trataram eles quando me apresentaram a conta. Se até, com a mania que para ahí anda das touradas, me meteram não sei quanto de *tourismo*! E as moscas, que passam larica na inverno e se desofrram, nestes meses, nas canelas de cada um?!

E' duma pessoa se vêr aflita...

—A *Plit* dizem que é uma droga muito boa para as matar...

—Morto estava eu por chegar a esta Lisboa, que não tem nada que se lhe compare.

—E tua mulher—atalhei eu—deu-se bem por lá?

—Essa dedicou-se á farmacia...

—Quê?! Esteve doente?

—... quero eu dizer: dedicou-se ao farmaceutico; e, como ela não era homem para graças, tive de ungulir a *prula*.

—Coitado! Por isso te caregaram no *tourismo*. Ficaste então sem vontade de voltar ás praias?

—Nunca mais! Mil vezes Lisboa!



Nem moscas carnívoras que nos devoram as pernas; nem pernas nuas que devoramos com o olhar; nem o olhar duma sogra que nos devora as mais pequenas ideias; nem ideias extravagantes que nos devoram a cabeça...

—...nem cabeças para contas de farmacia, Aniceto!

—Dizes bem, meu velho. Agora, vida nova... a liberdade!... a luz!... o movimento insano!... Encarcerarmos numa praia é encarcerar...

—... um Aniceto humano!

E lá se foi o meu amigo Aniceto Esteves, que me convenceu mais uma vez que, quem quizer praia, tem Al-gós aos domingos, e termas tambem as temos ali em S. Paulo.

Xico Ximenes.

BOM HUMOR

Um sujeito entra numa relojoaria e pergunta o preço dum relógio que está na vitrine.

—Custa cincoenta mil réis.

—E' caro.

—Vendo-li'ho pelo preço que me custou.

—Então o lucro?

—Esse virá nos concertos.

Entre amigos:

—Que grandes bestas que somos!

—Homem, sobre esse assunto, bem podias falar no singular.

—Tens razão!... Que grande besta tu és...

Apreciações:

Ela:—Gosto muito de ti, meu amor, mas tens um defeito: és muito pequenino...

Ela:—Tambem tu, filha, tens a mania das grandesas...

Surpreendida:

Ela:—Dizes que me amas; no entanto, sempre que chego do viagem, encontro-te acompanhada...

Ela:—Isso só prova a falta que tu me fazes...

Pergunta indiscreta:

Ela:—A senhora, quando toma banhos de mar, não tem medo que os caranguejos a belisquem?

—Não, senhor. Já me habituei nos animatografos...

A uma actriz muito conhecida perguntaram um dia:

—Conheco Moliere?

—Não.

—Não conhece?!—insistiram, surpreendidos.

—Não, mas isso pouco importa. Ele com certeza que me ha de conhecer...

Na segunda primavera:

Alice:—Estou decidida a não me casar antes dos trinta anos.

Sofia:—E eu decidida a não ter trinta anos antes que me case...

Os novos ricos:

—Eu comecei como operario e dentro de cinco anos tinha uma fortuna.

—Quanto tempo estiveste na cadeia?...

Na florista:

—Quer um ramo como de costume, sr. visconde?

—Não; como é para minha mulher, basta-me um de cinco mil réis...



—Estás noivo?
—E' verdade, até ao fim do mês que vem.

—Casas-te nesta data?

—Casas-te nesta data?



Foot-ball á «Gomes de Sá»

Segundo o *Diario de Noticias*, um homem chamado Cruz Coelho e que dizem que é pugilista encontra-se em Paris, frequentando a Sala Lerda.

De frcto, nos ultimos combates do Coliseu se verificou que o homem estava a pedir Lerda.

* * *

Os jogadores de foot-ball de todo o Mundo não queriam ir aos Jogos Olimpicos sem que lhes dessem indemnização monetaria pelo trabalho que teriam de abandonar.

O Comité Internacional Olimpico não quiz aceitar esta formula porque entende que os amadores não devem receber um centavo.

Para tornar a dificuldade e para que todos fiquem contentes — descobriu-se outro *ovo de Colombo*:

A vontade do Comité Olimpico será rigorosamente respeitada porque o dinheiro não será oitavo aos jogadores — mas aos patrões: que ficarão encarragados de lh'o dar depois!!!

Está salva a honra... e o amadorismo.

* * *

Gomes Monteiro, o incompreendido director de *Os Sports*, entrou, no domingo de manhã, na Tabacaria Americana.

Preguntou ao caixeiro:

—«Então, o *Suplemento dos Sports*, tem-se vendido?»

—«Ainda não vendi nenhum!»

Gomes Monteiro comprou um exemplar e comentou, baixinho:

—«A que um homem chega! A ter de comprar o seu proprio jornal para não deixar extinguir completamente o jogo sagrado...»

* * *

Um leitor amavel envia-nos um recorte duma critica de foot-ball em que se fala: num jogo interessante e bem guizado.

Este novo foot-ball culinario vai de certo dar uma grande procura. Por parte dos criticos, ao *Manual do Bom Cozinheiro*.

Ribeiro dos Reis, sempre á cata de

publicações que os outros não conheçam, mandou já vir da Escocia as *Cem receitas para cozinhar bacalhau*.

Vamos, pois, ter ocasião de ler criticas muitissimo tecnicas e bastante apaladadas:

—«Após uma avançada á *Gomes de Sá*, uma carga *sauce vinaigrette* deixou o «keeper» à la broche.

«A dois *corners de mayonnaise* seguiu-se um esplendido *goal* assado no espêto!»

* * *

Tendo nós ido buscar ao *Diario de Noticias*, o exemplo das interessantis-

simas reportagens do *Salon Automobile* de Paris—o grande *Diario* acaba de tirar uma grande e completa desforra.

Seguiu o exemplo da nossa má-língua automobilista e deu uma catanada no novo modelo do Ford—que nem os guarda-lamas escaparam.

O pior foi que, no dia seguinte, teve que dar o dito pelo não dito, pela razão muito simples de ainda não existirem novos modelos Ford.

Animado com o que lhe succedera quanto ao *Salon*, o grande quotidiano deitou-se a adivinhar sobre o que se

estaria passando além-Atlantico — e deu raia...

As reportagens *signé* Bruxa da Ar-ruda são um exclusivo do *Sempre Fixe*. E já ha dois meses que nós demos as características do novo Ford...

O Sanchos de Castro nem ao menos soube dizer que o modelo tão anciadamente esperado será vendido com um escadote-accessorio—para subir as rampas!

* * *

Antonio Pinho abandonou o foot-ball.

Para comemorar o infausto acontecimento, o *Casa-Pia* jogou um desafio funebro... no resultado.

Pinho abandona o *association—en beaufé*. Não quiz dar ao publico o declínio dum grande astro.

No socorro da sua casa, deve cantar á guitarra:

—«*Quem parte leva saudades*»

—*diz uma antiga laracha*.

Antes partir com saudades

do que não dar na borracha...

* * *

E' inegavel que os já celebres aviões alemães que estão na Horta batem de longe o *récord* da não travessia do Atlantico.

Nos primeiros dias, ainda se chegou a temer que o barometro se conservasse no *Tempo Fixe*, que aos motores lhes desse para trabalhar normalmente e que as helices não quizessem avariarse.

Felizmente, estas negras hipoteses não se tem verificado e o afamado piloto francês Fonck está em vespas de ser desapossado do *récord* do fiaseo transatlantico.

Não desanimou, porém, como se verifica pelo seguinte telegrama que acabamos de receber:

—«*Tomei conhecimento jornais esplendida não travessia aviadores alemães. Não me considero batido. Vou tentar nova prova sobre aparelho indochinês de correntes de incrustação terrestre reforçadas sem motor. Saudades á ex-Agencia Havas.—Fonck.*»

Rebola-A-Bola.

Menos uma pinha do Foot-ball



Um "back" que achatou o "bec" a muito "back"

Humorismo no estrangeiro



O trabalhador—Parece mentira, havendo sido tantos anos a mão direita do deputado que ele agora o despreza...
O ex-carique—Pois agora estamos iguais; nem eu nem ele sabemos onde temos a mão direita.



A mulher—Que tal, meu velho?
O marido—Que é isto? Que vejo eu? Um fantasma?
A mulher—Já que falas tanto na honestidade dos nossos avós, aqui me tens como me sonhavas.



—Segundo estou vendo este ano em Madrid não fez um calor como era costume nos outros anos.
—Porque dizes isso?
—Porque se fizesse não se via tanta seda crua.



A mulher—Porque não vamos jantar?
O marido—Não saio daqui porque caprichei em ver hoje um tubarão.
A mulher—Oral Vamo-nos embora.
O marido—Só se tu convidares a tua mãe para jantar.

Os "Papos secos" atravez dos seculos

